

Seção Fontes e Documentos

Allocução proferida pelo Dr. Arthur Neiva, director do serviço sanitario de S. Paulo, na inauguração, no Instituto de Butantan, em 20 de fevereiro de 1918, do Horto Oswaldo Cruz, destinado ao cultivo de plantas toxicas e medicinaes¹

Arthur Neiva²

1
Transcrição de Folheto publicado originalmente em 1918, respeitando a grafia do documento original, a partir de exemplar que compõe o Arquivo Pessoal Arthur Neiva, no Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil - Cpdoc-FGV, Rio de Janeiro, consultado em maio de 2014.

2
Arthur Neiva (1980 – 1943), nascido em Salvador-BA, foi um médico, cientista, escritor e político brasileiro. Atuou no Instituto Manguinhos, com importantes pesquisadores como Carlos Chagas e Oswaldo Cruz. Ao lado de Belisário Penna, em 1912, percorreu estados das regiões Nordeste e Centro-Oeste e publicou, quatro anos depois, um relatório em que são denunciadas as más condições de vida e saúde da população rural.

Em 1865, Ladislau Netto lia na Sociedade Botânica de França, uma proposta sobre a criação, no Brasil, de um horto de plantas medicinaes. O botânico Naudin abraçou com entusiasmo a idéia do cientista brasileiro e teve a esperança de que o Imperador do Brasil de prompto realizaria tão importante commettimento, que iria servir á causa geral do progresso humano.

Apezar do incontestável desejo, tantas vezes manifestado por D. Pedro II, não se poudo realizar naquella época, mau grado o cognome de Mecenas que os coevos lhe concederam e que é de justiça reconhecer, a aspiração de dotar o Brasil com um horto onde se estudasse, além das especies de uma flora riquissima, os productos vegetaes uteis ás industrias e á medicina.

E pois com viva satisfação que, 53 annos após a solicitação de Charles Naudin, assistimos, hoje, a realisação pratica de um *Horto Botânico* ideado segundo os moldes imaginados pelo cientista patricio. E não

Participou do movimento que congregou cientistas, médicos e intelectuais em prol do saneamento do país. Com a tese intitulada “Revisão do gênero Triatoma”, sobre um dos gêneros de barbeiros, tornou-se livre-docente da cadeira de história natural médica e parasitologia da Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, em 1914. Atuou como diretor do Serviço Sanitário de São Paulo (1916 – 1922), diretor do Museu Nacional no Rio de Janeiro (1923-1927), chefiou a Comissão de Estudos da Praga Cafeeira (1924 a 1926). Foi um dos idealizadores do Instituto Biológico de Defesa Agrícola e Animal de São Paulo (1927) e ao longo de sua trajetória, assumiu por diversas vezes a direção superintendente do Instituto. Foi eleito Deputado Federal (1933), Presidente da Comissão de Saúde Pública (1934), Diretor Geral de Pesquisas Científicas do Ministério da Agricultura (1936). Retornou ao Instituto Oswaldo Cruz (1937) onde encerrou sua carreira.

deixa de ser muito lisongeiro para a nova forma adoptada pelo paiz que o commettimento julgado impraticavel pelo antigo regimen, apesar da protecção de um chefe de Estado amigo das artes e das sciencias, seja agora realizado em São Paulo, no Instituto de Butantan, sob a égide de um glorioso nome nacional, o que vae obrigar o Director dessa casa a um compromisso de trabalho e de investigações scientificas conducentes a honrar o prestigioso nome de Oswaldo Cruz, sob cujos auspícios, e em honra á sua memoria, o Governo de S. Paulo, attendendo a uma solicitação da *Sociedade de Medicina e Cirurgia*, decidiu crear o horto que agora se inaugura.

Uma homenagem

Aproveitando essa oportunidade, o illustre Director desta casa, seus auxiliares e eu, deliberamos inaugurar na galeria dos homens que auxiliaram o desenvolvimento do Butantan, a effigie do illustre Secretario do Interior, como prova do nosso reconhecimento e gratidão pelos elementos dos trabalhos que tem proporcionado ao Instituto de Butantan, permitindo desdobrar seu campo de acção scientifica, dando-lhe uma possibilidade de poder supportar colejo com as melhores instituições congêneres do paiz e do estrangeiro.

É uma homenagem particularmente sincera rendida por um grupo de homens de sciencias, a quem, em época tão anormal, tem fornecido os meios que são solicitados e necessarios á acção scientifica que o Instituto de Butantan pretende desenvolver em nosso paiz. Não se trata de um convencional preito suggerido pela lisonja; ao contrário, é uma manifestação espontanea que une modestos scientistas, cheios de contentamento, que querem demonstrar a um illustre collega e homem de Governo, que tanto se tem esforçado em prestigiar as coisas de sciencias via de regra tão pouco protegidas em nossa Patria.

O progresso brasileiro

Neste particular o progresso brasileiro tem-se feito da maneira geral que caracteriza nossa civilização; acampamos. O que é hoje um centro scientifico,

amanhã será apenas uma sombra, a recordar o prestígio antigo.

O tempo da fulgurante Escola da Bahia, quando revolucionava a medicina patria, na época de Wucherer, Paterson e Silva Lima, apenas hoje é recordado com saudades e orgulho pela primorosa rethorica dos brilhantes herdeiros de mestres de tal valia e que tão alto elevaram o nome brasileiro.

O Museu Nacional, que teve a dita de iniciar na America do Sul as mais importantes pesquisas ethnographica, viu-se ao cabo de algum tempo, obrigado a passar o bastão de commando ás instituições scientificas do Rio da Prata. E se não fora a dedicação pela causa da sciencia do General Rondon, e o esforço de um pugillo que alli ainda se bate pelos ideaes antigos, como agora demonstrou com a série de publicações fomentadas pelo material fornecido pelo illustre General, pouco haveria para lembrar os dias cheios de gloria do palácio da Bôa Vista.

Mas de quem a culpa perguntarão? A resposta é difficil. O problema é complexo. Em grande parte tem cabido aos Governos e, isto, desde os tempos coloniaes. As celebres viagens philosophicas de Alexandre Rodrigues Ferreira, realizadas com um devotamento inegualavel, até hoje jazem sepultadas na Bibliotheca Nacional do Rio; o extraordinario naturalista brasileiro acabou seus dias enjaulado em um manicomio, após ter sido arrancado do ergastulo em que lançara a policia lisboeta, isto em tempos de D. José I, quando este soffria a influencia de um espirito de escól, o Marquez de Pombal.

Depois, em pleno reinado do Imperador Macenas, nós vimos organizar-se a *Commissão Scientifica Brasileira*, dirigida pelo grande Freire Allemão e Barão de Capanema, disposta a estudar, com elementos nacionaes o infinito campo que o nordeste brasileiro apresentava aos nossos homens. De todo o litanico esforço, mau grado prestígio que até o fim lhes concedeu D. Pedro II, os gloriosos Quichotes só conseguiram publicar um único volume como resulttando das suas investigações. O ridiculo que os jornaes da opposição lançaram sobre a Commissão Scientifica, as calunnias inventadas, os baldões com

que cobriam os abnegados investigadores, puros e desinteressados, levaram ao fracasso um grande empreendimento que certamente iria exaltar, no estrangeiro, o nome do Brasil.

Hontem, vimos a derrocada na Inspectoria de Pesca por uma pennada do Ministro da Agricultura, enquanto no Prata os nossos vizinhos ampliavam as installações scientificas necessárias ás pesquisas do plancion sem embargo de não possuírem elementos capazes de diagnosticar as especies, obrigados a recorrerem ás luzes do pessoal technico do Instituto Oswaldo Cruz, afim de fazerem certas pesquisas imprescindiveis á industria da pesca.

A industria e a sciencia

O contraste não deixa de ser doloroso, não é possível, modernamente, desenvolver qualquer industria sem que o aparelhamento scientifico seja perfeito, afim de defendel-a de todas as causas capazes de ameaçar o seu desenvolvimento. E como, nesse terreno, caminhamos através de altos e baixos, as alternativas se succedem e não deixa de ser consoladora a circumstancia do actual detentor da pasta da Agricultura no Rio de Janeiro, organizar o combate á lagarta rosada, séria ameaça dos algodões do norte e para cuja defesa o Estado de São Paulo terá de se aparelhar quanto antes.

O digno Secretario da agricultura do Estado de S. Paulo norteará-se felizmente pelo único caminho que levará ao sucesso, querendo defender a nascente e futura industria pastoril e agricola, com a protecção que, seguramente, a sciencia lhe poderá dispensar na criação do Instituto de Veterinaria, que garantirá as inúmeras probabilidades presentes neste campo, sem o perigo de serem entravadas pelas dizimadoras epizootias que devastam e assolam os rebanhos em toda a extensão do territorio nacional.

É, portanto, com verdadeiro jubilo que assistimos a uma reacção confortadora, iniciada pelo ilustre Presidente do Estado, secundada valorosamente pelo Secretario do Interior, o qual tem proporcionado todos os elementos para dar um cunho scientifico aos empreendimentos e iniciativas por

elle tomadas no Serviço Sanitario, departamento sob a minha actual direcção.

O saneamento do Brasil

A prophylaxia das endemias, que assolam a nação tomou tal incremento em São Paulo, que irá repercutir beneficemente em todo o paiz incitando os outros Estados a se esforçarem para resolverem o problema maximo da nossa terra – o saneamento. Temos de inicial-o pois do contrario, não tenhamos illusões a respeito, iremos ficar submettidos á fiscalização dos nortes-americanos, como já fazem actualmente para as colonias inglezas cujo intercambio com os Estados Unidos é elevado.

A excursão realizada ao nosso paiz no anno passado pelo General Gorgas, o saneador do Panamá, afim de verificar se de facto tínhamos extincto a febre amarela no Rio de Janeiro e no Pará e até que ponto o mal grassava em alguma cidade do norte do paiz, quaes as verdadeiras condições de salubridade das povoações da nossa terra, percorridas do Rio Grande do Sul ao Amazonas, do litoral aos rincões mais centraes de Minas, para mim tem uma significação de uma sondagem commercial feita com todos os requisitos scientificos, afim de ver quaes as probabilidades do desenvolvimento do intercambio com os Estados Unidos e até que ponto o emprego de capitaes poderá contar com o progresso crescente de um meio que foi applicado, isto é, qual a verdadeira capacidade de consumo per capita.

E verificar também se o consumo está em relação directa com a salubridade da população independente do factor densidade, pois que as Indias com 300 milhões de habitantes, devastados por todas as enfermidades conhecidas, valem infinitamente menos que o minuscuro Uruguay, independente, prospero e sadio. Entre o cúli, cuja exigencia indumentária não vae além da necessidade de possuir uma tanga, e o camponez robusto e feliz da Republica do Prata cuja existencia, da infância á velhice, se desenrola em um ambiente de conforto, somente excedivel pelo norte-americano ou allemão, o emprego de

capital se poderá fazer com segurança de quem resolve uma equação.

Problema da raça

Pois bem: nós, que temos de resolver tão importantes problemas em relação á nossa população, assistimos, não ha muitos dias, ser proclamada, em prosa e verso, a vantagem da immigração indú, os párias mais typicos que o mundo conhece, verdadeira escória humana que virão ainda mais complicar o nosso problema racial, nós que ha 100 annos soffremos as consequências da mistura com sangue negro que tem entravado o nosso progresso.

Eis mais uma demonstração de que atrás de qualquer problema, encontra-se a sciencia prompta a dar o seu veredictum. Incontestavelmente a affluencia de braços não importa de que raça, resolverá a difficuldade de momento. Si porém, tivéssemos de solucionar o problema com preocupação scientifica e com olhos fitos no futuro do Brasil, veríamos qua as raças orientaes são inassimilaveis pelas occidentaes, e os immigrants indús ou japonezes fatalmente se enquistarão entre nós ou usando de uma imagem mais expressiva, a nação terá ingerido um alimento, o qual, uma vez tragado, não poderá ser digerido ou regorgitado.

Encaremos como convem os problemas nacionaes

Nem sei como fui conduzido a essas considerações bastante remotas do fim que nos reúne aqui.

Lembra-me agora; tratando-se da inauguração de uma nova secção scentifica em nosso Paiz, fui levado a fazer apologia da sciencia, que ao ser olvidada pela administração publica, torna os paizes tributarios de outros, quando não os transforma em méras expressões geographicas. Todas as industrias que possuímos dependem da bôa ou má vontade dos nossos amigos que poderão entrar todo o progresso da nação, se por ventura, nos quizerem negar a matéria prima necessária á marcha das nossas locomotivas e vapores e de todos os artefactos criados pela industria metallurgica, ou, como na recente questão da soda, paralyzar um sem numero de industrias que

aqui viviam prosperando, desde a dos vidros á dos desinfectantes. No entanto, se quizessemos encarar scientificamente nossos problemas, certamente que os poderíamos resolver com a mesma precisão e providencia que levaram os inglezes do Ceylão a arruinarem a nossa industria nativa da borracha, transplantando para a Taprobana dos nossos maiores, uma fonte de riqueza, cujas primeiras tentativas de aclimatação foram recebidas com aquelle ar de mofa, com que nós brasileiros, sabemos envolver todos os perigos que nos ameaçam.

E como um rio que, no seu caminho, vae reproduzindo as paisagens multiformes que as suas margens lhes proporcionam e que no entanto, espraiaando-se ou reduzindo-se é levado a um destino prefixado, fui conduzido, por uma natural associação de pensamentos, a reflectir uma série de considerações que meu espírito era obrigado a fazer antes de chegar a um dos objectivos que tinha em mente, relatando-o como se fôra um pedido feito por toda a Nação aos detentores do poder aqui presentes e para o qual implora a attenção pela grande importância que tem.

Um appello da sciencia

Se a guerra prolongar-se, a Nação ver-se-á a braços com uma calamidade, contra a qual só há uma coisa a fazer desde já, apparelharmo-nos para resolver esta ameaça. Quero referir-me a possibilidade de se obter quinina, medicação sem seccedanco para o impaludismo, que assóla do Amazonas á Santa Catharina e para cujo combate o Brasil, imporia algumas toneladas annualmente. A Inglaterra e a Itália já prohibiram a exportação dos saes daquelle alcaloide. Estamos agora na dependência dos Estados Unidos e se, em 1918, a malaria assolar os exercitos em guerra na mesma proporção do anno passado, o que aliás é de prever, nós teremos de perder o ultimo fornecedor iniciando-se para o Brasil uma época de declínio.

Ora está nas mãos do Governo, resolver agora o problema da quinina do Estado, que a nova Lei sanitária prevê e cuja materia prima é de facil obtenção, sendo a preparação dos productos e medicamentos mais facil e barata do que geralmente se pensa. Antes, porém, me

sinto na necessidade de informar que é inútil procurar quina brasileira. Hoje, com este nome vulgar, existem varias plantas nacionaes que não encerram o cobiçado alcaloide, e de algumas plantações realizadas no Brasil, quando se tentou transplantar para aqui a quina do Perú, foi verificada a sua impraticabilidade pelo baixo teor de alcaloide fornecido pelas arvores aqui desenvolvidas. O insuccesso aqui, porém, ainda foi devido á circumstancia de nos termos divorciado da orientação scientifica quando se realizaram aquellas tentativas. As mudas foram plantadas a trouxe e mouxe sem nenhum critério. Como são arvores que levam grande numero de annos a se desenvolver, o tempo perdido foi verdadeiramente considerável.

Os hollandezes e inglezes, porém, iniciaram culturas baseadas em rigorosos methodos scientificos e, o que aconteceu com a nossa borracha, está succedendo para a quina da Bolívia e do Perú, onde a arvore nativa produzia até 3% de alcaloide emquanto os productos seleccionados da *Chinchona Calisaya* e da variedade *Ledgeriana*, obtida por selecção e hybridação, alcançarem nas Indias e em Java, por vezes, a alta cifra de 9%.

Antigamente os centros productores exportavam a quina em casca; hoje porém, os hollandezes extraem os saes em usinas bem montadas em Java e os enviam para Amsterdam, Londres e Nova York, onde o producto é dirigido aos laboratórios de chimica, afim de ser desdobrado em diversos saes utilizados pela medicina e que depois vão ser vendidos nas terras assoladas pelo impaludismo.

O assumpto, deste anno passado, foi estudado pelo Serviço Sanitario, em quasi todas as suas minucias. Nutro a esperanza de que hoje as altas autoridades que presidem esta singela festa, ordenarão seja tão importante problema resolvido definitivamente, determinando o inicio do preparo da quinina do Estado no *Instituto Butantan*, a exemplo da Italia, que faz no seu Instituto de Turim. O assumpto é premente, pois além de escassez e dos preços exorbitantes a que attingiram os saes de quinina, as falsificações alcançaram proporções verdadeiramente inauditas e confectionadas por firmas até então das mais reputadas,

como já tive ocasião de levar ao conhecimento do illustre Secretario do Interior.

Ainda ha poucos dias, o professor Afrânio Peixoto, em valioso trabalho sabido nos *Annaes da Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro* dizia, referindo-se á implantação do serviço da fabricação da quinina pelo Estado: Não é illusão dizer que destárte o Estado venderá saude, porque contra a malária não ha outro especifico, porque para a prevenção e o tratamento della não se conhece melhor recurso que a quinina abundante, barata, garantida, isto é, a quinina official.

Possa ter no Brasil um homem de Estado - bem mais difficil de conseguir que o maravilhoso recurso sanitário, - o qual nos dote com a quina official, exclamava elle.

Vós, senhores Presidente do Estado e Secretario do Interior, sois moços e por isso e pelas exuberantes provas de capacidade já demonstradas tendes deante de vós magnífico futuro. Eis mais uma oportunidade para prestardes relevantissimo serviço á nossa terra e á nossa gente, instituindo em Butantan, sob a direcção de um scentista de escól que tanto tem honrado e nome brasileiro, um serviço de importancia transcendental para os nossos destinos como Nação, justamente no momento em que a humanidade decisivamente resolvem só permitir o direito de um lugar ao sol aos paizes de gente forte, sadia e povoados por homens capazes de affirmarem sua vontade pelo vigor de seus filhos.

E com esta esperança, Sr. Presidente do Estado, termino minhas palavras, agradecendo em nome dos que trabalham nesta casa, a honra que nos proporcionastes inaugurando o *Horto Oswaldo Cruz* e o pavilhão destinado á nova secção de ophoterapia e installação de varias officinas, realizadas com o auxilio que nos tem prestados no Exmo. Sr. Dr. Secretario do Interior, cujo retrato, como um penhor da nossa gratidão, aproveitamos o ensejo para collocar entre os dos benfeitores do Butantan.

Reproduzido do *Jornal do Commercio de S. Paulo*, de 21 de Fevereiro de 1918.

Francisca Hislly Bandeira
Cavalcante
Karoline Viana Teixeira
Alberto Luiz Schneider
Daniel Pinha Silva
Jorge Augusto Carreta
Márcia Regina Barros da Silva
Arthur Neiva

ib butantan

